

O dia decisivo. Por Juliana Fernandes Gontijo.

Muitos amigos de Maura, professora de Sociologia, diziam que ela precisava “pisar no freio”. Ela era uma mulher muito agitada, daquelas do tipo que fazia milhões de coisas ao mesmo tempo e ainda sempre tinha espaço para realizar algo mais.

Numa quarta-feira muito ensolarada, levantou cedo como de costume para ir trabalhar. Colocou aquela boa música popular brasileira para tocar no aparelho de som com volume máximo; tomou o café da manhã; revisou os pacotes de provas que deveria levar para a faculdade do período da noite. Ela dava aulas em duas universidades. Muito cuidadosa, sempre estava atenta ao material das instituições para não trocar o conteúdo.

À tarde, ministrava aulas para o 7º período de Comunicação Social e, à noite, para os calouros do mesmo curso. Maura seguia uma rotina das mesmas tarefas diariamente e, então, se sentia confortável com o ofício nas duas instituições, mesmo com alta carga horária de trabalho.

No meio da manhã, recebeu uma ligação da universidade em que trabalhava à tarde. Deveria chegar mais cedo em decorrência de uma “reunião de emergência”. Uma antecipação de um encontro em quatro semanas.

Bateu aquela ansiedade na professora: “O que será que aconteceu?”. “Estou segura no meu emprego, mas por que esta reunião?”. E, logo, pensava o contrário: “Não sofra antes do tempo, Maura! Você não pode prever o que não está ao seu alcance. Olha o que o terapeuta falou...”. Não adiantava... quando a mulher tinha uma crise de ansiedade... tudo parecia sair de seu controle. Parou o almoço pela metade e voltou com os alimentos para a geladeira. Sentou, respirou fundo, contou de 1 a 10 para ficar mais calma e foi se arrumar para o trabalho. Naquele dia, o almoço seria apenas o sanduíche e um suco da lanchonete da faculdade.

Meia hora após a ligação, saiu de casa. Sempre que transportava provas ou trabalhos de alunos, a professora usava mochila, porque tinha a segurança de que o material estaria intacto com ela e, assim, não haveria risco de esquecê-lo em qualquer lugar. Os colegas de trabalho já sabiam que Maura estava transportando provas ou trabalhos dos alunos. A mulher passou na lanchonete, a fim de comer antes porque imaginava que a reunião pudesse durar longas horas.

O encontro de fato era muito importante. A direção da universidade convocou todos os professores e suspendeu as aulas da tarde por um dia porque a instituição recebera um convite para a participação em um evento internacional. Eventuais parcerias de cursos de Mestrado e Doutorado eram cogitadas para instituições em todos os continentes do planeta. Ao saber da notícia, a mulher respirou aliviada.

Poucos minutos após o início do encontro, o telefone de Maura toca. Ela, muito sem graça e já pedindo desculpas, atendeu rapidamente. Porém, não percebeu que o aparelho estava no viva-voz.

— Dona Maura, a senhora não está em casa, né? Há quanto tempo saiu? — Pergunta Geraldo, síndico do prédio onde ela residia.

O mediador da reunião, ao escutar a conversa, tomou a palavra do evento:

— Por gentileza... senhores e senhoras colaboradores deixem os aparelhos celulares no silencioso ou desligados.

Não adiantou. O estrago já estava feito. Todas as pessoas viraram os olhos para a professora. Ela, sem entender, respondeu baixo:

— Estou em uma reunião na faculdade, não posso falar agora. Vou desligar.

— Não desliga, Dona Maura. A senhora deixou a vitrola ligada. Parece-me que deu um problema no aparelho e a música está na mesma palavra “voltaram” há mais de 40 minutos. Tem que vir aqui desligar isso.

— Ah... meu Deus! Seu Geraldo, pode arrombar a porta. Pelo amor de Deus, eu não posso ir aí agora.

— Tentamos arrombar, mas não conseguimos. Fomos à porta da cozinha, mas, pelo visto, a senhora travou por dentro. O chaveiro só consegue chegar daqui a 3 horas. Todos os vizinhos estão irritados. — Disse o homem, desligando o telefone.

O burburinho começou no salão. A reunião foi interrompida. A professora, que não sabia onde colocava a “cara” de tanta vergonha, saiu de fininho.

Quando ela chegou ao prédio, moradores de todos os andares estavam nas janelas gritando em coro: “abaixa o som, Maura!”. O barulho das pessoas, porém, não encobria o “voltaram” que tocava na vitrola estragada.

Pedi desculpas, ninguém ouviu. Subiu correndo os oito andares do prédio, porque o elevador estava com defeito. O coração batia acelerado novamente. Entrou no apartamento, largou a mochila na mesa da copa. A esta altura, as provas já eram um grande peso nas suas costas.

De raiva, arrancou a tomada da parede. Fim do barulho! O estresse foi tamanho que ela se sentiu mal e foi ao banheiro, devido a uma forte dor de barriga. Devolveu ao sanitário tudo o que comeu naquela manhã. Sentou-se no chão a fim de tentar se restabelecer. Não conseguiu. Ligou para a faculdade e deixou recado na coordenação, dizendo que, ao chegar em casa, passou mal e não conseguiu voltar.

Ela ficou deitada a tarde toda para descansar e poder trabalhar à noite. Colocou o relógio para despertar às 18 horas. A aula começaria às 19:30. Ao acordar, um pouco melhor, tomou um banho. Não conseguiu comer, trocou apenas a camisa e, em vez de sair pela porta da sala, saiu pela da cozinha.

Entrou no carro. Na avenida abaixo da rua de sua casa começou um engarrafamento que durou mais de 30 minutos. Um caminhão-baú, daqueles enormes, se agarrou em alguns fios de energia na avenida, causando problemas no trânsito. Ela pegou um atalho e chegou à faculdade 5 minutos antes do início das aulas.

Entrou na sala ofegante:

— Boa noite! Abram a apostila na página 45... vamos fazer um debate sobre...

— Professora, e a prova de hoje? A gente estudou tanto! — Disse Luciana um pouco nervosa.

— Ah... meu Deus! A prova! Vocês não vão acreditar! Eu tive um dia péssimo hoje. E começou a contar a história para os alunos.

— Maura, a prova! Não vai ter hoje?

— Terei que voltar em casa para buscar. Depois de um longo dia péssimo, ainda esqueci o pacote na mesa da sala. Mas não se preocupem, terão menos tempo para fazê-la, mas a prova será em dupla e com consulta.

Alguns alunos se revoltaram, começaram a falar mais alto, querendo chamar a coordenação do curso, mas a professora não deu ouvidos. Saiu imediatamente.

Entrou no carro, arrancou sem ao menos travar o cinto de segurança. Na esquina de cima da rua da faculdade, “meteu o pé no freio”. Se ele não pegasse, ela mataria um idoso que atravessava o sinal laranja na faixa de pedestres. O homem xingou e com razão. Ela estava errada, muito errada!

— Comprou a sua carteira onde, hein, senhora?

Ela encostou o carro, desceu, e foi até o senhor para ver se estava tudo bem com ele. Com ela não estava nada bem.

— Sim, está tudo bem comigo. Com a senhora, não, né? Cuidado, dona! Quase me matou. Vejo que está muito cansada. Vai para a casa?

— Vou pegar umas provas da faculdade que esqueci em casa. Tive um dia tão cheio.

— Ainda vai voltar para o trabalho? Não faz isso não, dona. Vai se tratar. Vai ser melhor para a senhora...

— Eu preciso, meus alunos estão me esperando e...

— A decisão é sua, mas acho melhor a senhora realmente pisar no freio da vida, se é que a senhora me entende. Quem avisa amigo é!

Ela deu um abraço naquele senhor que ela nunca soube o nome. Entrou no carro. Respirou 5 vezes aliviada, porque o freio do carro não escapou. Deitou a cabeça no volante. Tirou um cochilo. Acordou 10 minutos depois. Aquilo não era um sonho! Ela quase matou aquele senhor idoso.

Aos poucos, Maura foi entendendo tudo como um grande dia de aprendizado. Ela percebeu que, sim, ela realmente precisava “frear” a agitação da sua vida. Voltou em casa, pegou as provas e retornou para a faculdade a fim de avaliar os alunos do 1º período e, enquanto eles resolviam as questões da prova, ela repensava as “questões” da sua vida.

Moral da história: Diminuir o ritmo é essencial para viver bem.
